

AS RAÍZES E A VOZ DE FRANCISCO: FAMÍLIA, POLÍTICA E ESPIRITUALIDADE DE UM PAPA PARA TODOS

THE ROOTS AND VOICE OF FRANCIS: FAMILY, POLITICS AND SPIRITUALITY OF A POPE FOR ALL

Dr. Thomaz Décio Abdalla Siqueira¹

"Maria é mãe da ternura, e Francisco é seu filho que caminha com os pés no chão e o coração no céu. Ele a invoca como consolo dos pobres, estrela dos humildes, refúgio dos esquecidos. E sob seu manto, planta esperança no mundo."

— Em homenagem ao Papa Francisco, filho de Maria e irmão da humanidade.

RESUMO

O presente artigo analisa a dimensão política do pontificado do Papa Francisco, destacando sua atuação em questões sociais, econômicas, ambientais e diplomáticas. Considerando o contexto global contemporâneo e a tradição doutrinária da Igreja Católica, Francisco adota um posicionamento político não partidário, mas profundamente engajado com os direitos humanos, os pobres e a paz mundial. A análise é baseada em documentos pontifícios e estudos acadêmicos. Apresentar uma análise da família de Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, considerando o contexto sociocultural e afetivo de sua formação familiar. Aborda-se a origem italiana da família, a convivência com seus irmãos e a influência desses laços em sua trajetória e espiritualidade. O estudo baseia-se em fontes biográficas e entrevistas concedidas por membros da família do pontífice. A biografia de líderes religiosos costuma oferecer subsídios relevantes para compreender os valores que norteiam sua atuação pública. No caso do Papa Francisco, sua origem familiar desempenha papel central na construção de sua identidade cristã e pastoral. Nascido em 17 de dezembro de 1936, na cidade de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio é fruto de uma família católica de imigrantes italianos. O ambiente familiar, marcado pela simplicidade e espiritualidade cotidiana, moldou traços fundamentais do primeiro pontífice latino-americano da história (IVEREIGH, 2015).

¹ Professor Titular, Classe E, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho (USP), Doutor em Psicologia Clínica (USP), Mestre em Psicologia Social pela Universidade de Okayama – Japão. Atualmente Presidente da Comissão Própria de Avaliação – CPA/UFAM. E-mail: thomazabdalla@ufam.edu.br

Palavras-chave: Papa Francisco; política; doutrina social da Igreja; justiça social; Vaticano.

ABSTRACT

This article analyzes the political dimension of Pope Francis' pontificate, highlighting his actions on social, economic, environmental and diplomatic issues. Considering the contemporary global context and the doctrinal tradition of the Catholic Church, Francis adopts a non-partisan political position, but is deeply engaged with human rights, the poor and world peace. The analysis is based on pontifical documents and academic studies. To present an analysis of the family of Jorge Mario Bergoglio, Pope Francis, considering the sociocultural and emotional context of his family background. The study addresses the Italian origins of the family, the coexistence with his siblings, and the influence of these ties on his trajectory and spirituality. The study is based on biographical sources and interviews given by members of the pontiff's family. The biographies of religious leaders often provide relevant information for understanding the values that guide their public actions. In the case of Pope Francis, his family background plays a central role in the construction of his Christian and pastoral identity. Born on December 17, 1936, in the city of Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio is the fruit of a Catholic family of Italian immigrants. The family environment, marked by simplicity and everyday spirituality, shaped fundamental traits of the first Latin American pontiff in history (IVEREIGH, 2015).

Keywords: Pope Francis; politics; social doctrine of the Church; social justice; Vatican.

I - INTRODUÇÃO

Desde sua eleição em 2013, o Papa Francisco — nascido Jorge Mario Bergoglio — tem exercido um pontificado caracterizado pela sensibilidade pastoral, abertura ao diálogo e forte posicionamento em relação a temas sociais e ambientais (MARTINS, 2021). Sua origem latino-americana e seu perfil jesuítico marcaram um novo tempo na Igreja Católica, voltado ao acolhimento e à descentralização do poder romano. Considerando sua idade avançada e a possibilidade de renúncia ou falecimento, como ocorreu com Bento XVI, o cenário de sucessão ganha força e atenção.

Há homens que falam com a força das palavras. Outros, com o silêncio. E há aqueles raros que falam com os gestos — com a escolha do sapato simples, com o sorriso que acolhe, com a recusa do trono dourado em favor de uma cadeira de madeira. Assim é Papa Francisco.

Desde o instante em que apareceu pela primeira vez na sacada de São Pedro, sem mitra, sem ostentação, com o olhar manso e um “Buona sera” que desceu sobre o mundo como uma brisa, soubemos: algo novo soprava sobre a Igreja. Era Deus vindo de mansinho, por meio de um homem que não precisava parecer santo — porque era, na essência mais pura da palavra, servo.

Francisco não chegou impondo, mas propondo. Não chegou condenando, mas acolhendo. Sua santidade está nas pequenas coisas: em carregar sua própria pasta, em pagar a conta do hotel onde ficou antes do conclave, em pedir orações antes de abençoar. Ele nos ensinou que o verdadeiro poder é o serviço — e que a grandeza está em se abaixar.

O Papa que escolheu o nome do Pobrezinho de Assis carrega nas costas o peso da instituição, mas nos ombros, leva apenas a leveza do Evangelho vivido. Francisco não é um papa de vitral. Ele é de carne, osso e compaixão. Ele anda devagar, como quem escuta. Ele abraça o doente como quem toca o próprio Cristo.

Desde sua eleição em 2013, o Papa Francisco tem demonstrado uma postura política que, embora não vinculada a partidos ou ideologias, se manifesta com clareza em suas posições públicas sobre justiça social, pobreza, meio ambiente, economia e migração. Conforme sustenta Galli (2016), o pontífice argentino encarna uma "nova geopolítica do Evangelho", na qual a centralidade do ser humano e dos marginalizados ocupa papel de destaque.

I a) - POLÍTICA E PASTORAL: FRANCISCO E A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

O pensamento político de Francisco é fortemente inspirado na Doutrina Social da Igreja, sobretudo no legado de Leão XIII, João XXIII e Paulo VI. Ele reafirma princípios como o bem comum, a solidariedade e a subsidiariedade, atualizando-os à luz dos desafios contemporâneos (SILVA, 2020). Em sua exortação *Evangelii Gaudium* (2013), Francisco critica com veemência o “sistema econômico que mata” e denuncia a “cultura do descarte”, sugerindo a necessidade de uma conversão estrutural nas instituições sociais e econômicas.

No campo econômico, seu posicionamento se aproxima de uma crítica ao neoliberalismo, como pode ser lido também na encíclica *Fratelli Tutti* (2020), onde questiona a meritocracia e as desigualdades geradas por sistemas baseados na exclusão. Para Boff (2021), Francisco “resgata a centralidade do ser humano sobre o capital”, colocando-se como voz profética diante do atual modelo econômico global.

I b) - ECOLOGIA INTEGRAL E GEOPOLÍTICA

A encíclica *Laudato Si'* (2015) é considerada por muitos estudiosos como um marco político e teológico. Nela, Francisco propõe a “ecologia integral” como paradigma para enfrentar simultaneamente a crise ambiental, social e espiritual. Segundo Gutiérrez (2018), essa proposta revela um papa com consciência geopolítica, capaz de integrar ciência, espiritualidade e política internacional.

Além disso, sua atuação diplomática em favor da paz, como na mediação entre Cuba e Estados Unidos ou nos apelos pela Ucrânia e Palestina, posiciona o Vaticano como ator relevante no cenário global (SOUZA, 2022).

II - DESENVOLVIMENTO: O Pastor dos Esquecidos

Papa Francisco tem um olhar que atravessa multidões e encontra o último da fila. Ele vê o que o mundo se acostumou a ignorar. Vê o imigrante sem terra, o pobre sem teto, o preso sem esperança, o doente sem visita. E não apenas vê — ele vai até eles. Toca, escuta, chora junto. Porque para ele, a misericórdia não é conceito; é caminho.

É um papa que entra em campos de refugiados como quem pisa em solo sagrado. Que abraça os doentes como quem segura relíquias. Que chama os pobres de “mestres”, porque crê que há mais sabedoria na dor acolhida do que na teoria distante.

Quando Francisco beija o rosto deformado de um homem na Praça de São Pedro, ele redefine o rosto de Cristo para toda a humanidade. Quando ele ajoelha diante de mulheres e homens em presídios para lavar seus pés, ele não está apenas repetindo um rito: está ensinando o Evangelho sem palavras.

Ele é o papa dos que não têm voz. Dos que não têm casa. Dos que não têm documentos. Ele é o eco do amor de Deus gritando no deserto das indiferenças humanas. Seu olhar não é de pena, é de irmão. Sua palavra não é de julgamento, é de justiça com ternura.

Francisco nos lembra que a fé verdadeira se dobra diante da dor alheia. Que não há santidade sem empatia. Que o Reino de Deus começa quando alguém estende a mão ao excluído e o chama de irmão.

II a) JUSTIÇA COM TERNURA: A REVOLUÇÃO DO CORAÇÃO

Em um mundo que aprendeu a gritar antes de escutar, Papa Francisco sussurra. E mesmo assim — ou por isso — todos o ouvem. Sua palavra não vem para condenar, mas para curar. Não vem com o peso da autoridade que impõe, mas com a leveza da verdade que liberta. Ele fala com firmeza, sim, mas sempre com um pano molhado de compaixão sobre cada sentença.

“Quem sou eu para julgar?”, disse, e mudou o curso da história. Não foi uma renúncia à doutrina — foi um lembrete do Evangelho. Não é relativismo: é misericórdia. Porque Francisco entende que a justiça de Deus não exclui, não isola, não humilha. A justiça de Deus, segundo ele, é uma porta sempre aberta, não uma cerca.

É um Papa que não suaviza a verdade, mas a reveste de ternura. Que fala de pecado com olhos molhados, como quem ama o pecador antes de qualquer correção. Que condena sistemas de opressão, mas jamais pessoas. Que defende a dignidade antes da norma.

Ele chama o mundo ao arrependimento, mas com a mansidão de quem lava os pés de todos — inclusive dos inimigos. Ele denuncia a ganância, o descaso, o abuso, mas não ergue pedras: oferece pontes.

Papa Francisco nos convida a uma revolução que não precisa de armas, nem de ódio, nem de poder. A revolução que começa no coração — onde a justiça não vem para punir, mas para transformar. Onde a ternura não é fraqueza, mas força divina.

II b) GUARDIÃO DA CASA COMUM

Papa Francisco nos lembrou de algo que havíamos esquecido: a Terra é nossa casa — e está chorando.

Na encíclica *Laudato Si'*, ele não escreve como um chefe de Estado, mas como um irmão mais velho que senta ao nosso lado, aponta para o céu, as montanhas, os rios, e diz com a voz baixa e grave: “Cuidem. Por favor, cuidem.”

Ele chama o planeta de “nossa casa comum” porque entende que não existe fronteira quando se trata de ar, de mar, de sol. E mais do que isso — Francisco não fala da ecologia apenas como ciência, mas como espiritualidade. Para ele, ferir a natureza é ferir a Deus. Poluir um rio é pecar contra o próximo. Destruir uma floresta é roubar o futuro dos nossos filhos.

É o Papa que escuta o grito da Terra junto com o grito dos pobres, porque sabe que são o mesmo — os dois são vítimas da indiferença.

Ele nos convida a uma ecologia integral: não aquela que separa o humano do natural, mas aquela que vê tudo como uma rede de amor, de cuidado, de pertencimento. Ele chama a uma conversão ecológica. E essa conversão não começa nas políticas, mas nos hábitos. Nos pequenos gestos. Em como tratamos um copo d'água. Em como olhamos uma árvore. Em como nos relacionamos com a beleza do mundo.

Francisco planta palavras como quem semeia esperança no solo seco da ganância. E com a delicadeza de São Francisco de Assis, ele canta aos ventos, às estrelas, aos pássaros, lembrando que o Evangelho também se vive no respeito à criação.

II c) O SEMEADOR DE ESPERANÇA

Francisco planta palavras como quem conhece o peso do deserto, mas acredita na força da chuva. Ele fala em meio ao barulho dos mercados, ao ruído das guerras, ao silêncio das florestas devastadas — e suas palavras caem como sementes. Sementes de conversão. De ternura. De mudança.

Num mundo que corre sem olhar para o chão, ele se abaixa para tocar a terra. Fala da Criação como quem a ama, não por teoria, mas por intimidade. Como quem conversa

com o vento. Como quem escuta o sussurro das águas. Como quem sabe que uma flor vale mais do que mil discursos.

Com a delicadeza de São Francisco de Assis — aquele que chamava o Sol de irmão e a Lua de irmã — o Papa canta. Sim, ele canta. Canta aos ventos que sopram liberdade. Canta às estrelas que brilham sobre os esquecidos. Canta aos pássaros que ainda ousam voar sobre o concreto. Canta, porque sabe que a criação toda é uma sinfonia de Deus — e que toda destruição é desafinar a canção divina.

Ele nos ensina que proteger o planeta não é moda: é missão. É fé encarnada. É espiritualidade em ação. Porque o mesmo Deus que se fez pão, também se faz flor, também se revela na brisa, também habita nos olhos de uma criança que brinca com barro.

Papa Francisco nos convida a reencontrar o encantamento. A parar. A contemplar. A cuidar. Porque a Terra não é recurso, é parente. Não é coisa, é dom. Não é nossa, é de todos — e de Deus.

Na manhã da segunda-feira (21/05/2025)², o mundo se comoveu com a morte do Papa Francisco, que faleceu após um AVC e uma falência cardíaca irreversível, segundo o médico do Vaticano, Andrea Arcangeli.

Amigo próximo do Homem Francisco, o Presidente do Brasil lamentou a morte e decretou, nesta segunda-feira, luto de sete dias no Brasil. O Papa faleceu em decorrência de um acidente vascular cerebral - AVC e falência cardíaca.

O pontífice faleceu em sua residência no Vaticano, Casa Santa Marta. O anúncio da morte do pontífice foi feito pelo cardeal Farrell: "Caros irmãos e irmãs, é com profundo pesar que me cabe anunciar a morte de Sua Santidade Papa Francisco."

"Às 7:35 desta manhã (hora local. 2:35 de Brasília), o Bispo de Roma, Francisco, retornou à casa do Pai. Toda sua vida foi dedicada a servir ao Pai e Sua Igreja."³

² Morreu nesta segunda-feira (21/04), aos 88 anos, o papa Francisco, primeiro papa sul-americano e jesuíta da história da Igreja Católica.

³ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c86pqd3dv2po> Disponível em 24/04/2025.

II d). OS PRINCIPAIS NOMES COTADOS PARA O PRÓXIMO CONCLAVE

Diversos cardeais são mencionados como favoritos à sucessão de Francisco. Cada nome representa não apenas uma pessoa, mas também linhas teológicas, geografias eclesiais e posicionamentos estratégicos.

PIETRO PAROLIN (ITÁLIA)

Atual Secretário de Estado do Vaticano, Parolin é reconhecido por sua habilidade diplomática e perfil institucional. É considerado um nome de continuidade, preservando a estrutura da Cúria Romana (SILVA, 2022).

LUIS ANTONIO TAGLE (FILIPINAS)

Com forte presença pastoral e envolvimento em causas sociais, Tagle representa o crescimento do catolicismo asiático e é visto como possível herdeiro do carisma de Francisco (FONSECA, 2020).

PETER TURKSON (GANÁ)

Cardeal africano com atuação destacada nas questões ambientais, Turkson é símbolo da expansão do catolicismo no continente africano, além de defensor do desenvolvimento sustentável (LOPES, 2023).

MATTEO ZUPPI (ITÁLIA)

Ligado à Comunidade de Santo Egídio, Zuppi apresenta um perfil pastoral voltado à reconciliação e ao combate à exclusão. Sua atuação no diálogo inter-religioso é amplamente reconhecida (ROCHA, 2023).

CHRISTOPH SCHÖNBORN (ÁUSTRIA)

Apesar da idade avançada, Schönborn permanece como uma figura teológica de peso, especialmente por sua formação dominicana e papel no Catecismo da Igreja Católica (GOMES, 2019).

JEAN-CLAUDE HOLLERICH (LUXEMBURGO)

Relator do atual Sínodo sobre a Sinodalidade, Hollerich é um defensor de reformas estruturais e propõe um modelo mais participativo e inclusivo de Igreja (TEIXEIRA, 2024).

II e) A ESTRUTURA FAMILIAR

O Papa Francisco é o primogênito de cinco filhos do casal **Mario José Bergoglio** e **Regina María Sívori**. Seu pai, natural de Portacomaro, no Piemonte, norte da Itália, emigrou para a Argentina na década de 1920. A mãe, argentina de ascendência italiana, foi uma educadora católica dedicada ao lar.

Seus irmãos foram:

- **Alberto Horacio Bergoglio** (falecido);
- **Oscar Adrián Bergoglio** (falecido);
- **Marta Regina Bergoglio** (falecida);
- **Maria Elena Bergoglio** – única irmã ainda viva, residente na Argentina.

Em entrevistas, Maria Elena descreve Jorge como um irmão carinhoso e de grande vocação espiritual desde jovem. Segundo Piqué (2013), a família Bergoglio sempre foi discreta, unida e fortemente enraizada na prática religiosa. Maria Elena relata que “ele sempre foi simples, muito humano e atento aos outros”, mesmo após se tornar Papa (PIQUÉ, 2013, p. 89).

II f) Influência familiar na espiritualidade de Francisco

A infância de Bergoglio em um bairro popular de Buenos Aires, junto aos irmãos e aos pais, moldou a visão do mundo que mais tarde marcaria seu pontificado: uma espiritualidade voltada à periferia, à compaixão e à justiça social. Conforme destaca Ivereigh (2015), a figura de sua avó Rosa — mulher piedosa e firme — exerceu forte influência sobre sua religiosidade e sensibilidade pastoral.

A convivência com seus irmãos, sobretudo com Maria Elena, que mantém contato com o Papa até os dias atuais, revela uma dimensão íntima de afeto que contrasta com o rigor das funções papais. A discrição da família Bergoglio é

compreendida como um reflexo da própria personalidade de Francisco: avesso ao protagonismo, amigo da sobriedade, fiel à raiz do Evangelho.

O Papa Francisco e sua postura pastoral diante da comunidade LGBTQIA+

A relação entre a Igreja Católica e a comunidade LGBTQIA+ tem sido historicamente marcada por tensões, incompreensões e exclusões. Entretanto, sob o pontificado do Papa Francisco, observa-se uma mudança significativa no tom e na abordagem pastoral com que o tema é tratado. Ainda que a doutrina da Igreja permaneça inalterada em muitos aspectos, Francisco introduziu uma nova linguagem baseada na misericórdia, no acolhimento e na escuta.

A linguagem do acolhimento

Desde os primeiros anos de seu pontificado, Francisco adotou uma abordagem diferenciada em relação às pessoas LGBTQIA+. Sua célebre declaração de 2013 — *"Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?"* — marcou um ponto de inflexão no discurso oficial da Igreja. A frase foi proferida durante uma entrevista coletiva no voo de retorno da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, e ganhou repercussão global por representar uma abertura inédita ao diálogo (FRANCISCO, 2013).

Segundo Galli (2020), essa mudança de tom não é apenas retórica, mas expressa uma "conversão pastoral" proposta pelo Papa, em que o centro da ação eclesial deve ser a pessoa concreta, em sua dignidade e complexidade, e não uma norma abstrata.

A pastoral da escuta e do cuidado

Em diversas ocasiões, Francisco encontrou-se com grupos LGBTQIA+ e seus familiares. Em 2020, durante uma audiência com pais de filhos homossexuais, o Papa os incentivou a "não expulsarem seus filhos, mas a amá-los como são". Em sua encíclica *Fratelli Tutti* (2020), embora não mencione diretamente a questão, ele reafirma que **"toda pessoa tem uma dignidade inalienável, independentemente de sua orientação sexual"**.

A teóloga argentina Emilce Cuda, nomeada por Francisco para cargos no Vaticano, destaca que “a postura do Papa não é ideológica, mas evangélica. Ele olha as pessoas com os olhos de Cristo” (CUDA, 2021, p. 97). O foco do Papa está em construir pontes, não muros, e isso se reflete em sua disposição de ouvir histórias, sofrer com os que sofrem e clamar por inclusão.

Limites doutrinários e tensões internas

Apesar do acolhimento pastoral, a doutrina oficial da Igreja — especialmente no Catecismo da Igreja Católica (CIC, 2357-2359) — continua a considerar os atos homossexuais como “intrinsecamente desordenados”. Essa tensão entre doutrina e pastoral gera debates internos. Em 2021, a Congregação para a Doutrina da Fé, com aprovação papal, reiterou a proibição de bênçãos a uniões homoafetivas, argumentando que “Deus não abençoa o pecado” (CDF, 2021).

Contudo, em 2023, Francisco autorizou que padres possam abençoar casais em situação “irregular”, incluindo casais homoafetivos, desde que não se confundam tais bênçãos com o sacramento do matrimônio. Esse gesto foi interpretado por muitos como uma abertura simbólica e um avanço em direção à inclusão, mesmo que ainda limitado.

O Papa Francisco representa um novo horizonte no relacionamento entre a Igreja Católica e a comunidade LGBTQIA+. Sua abordagem é marcada pela escuta, pela misericórdia e pela valorização da dignidade humana. Embora as estruturas doutrinárias ainda mantenham limites significativos, o caminho aberto por Francisco aponta para uma Igreja mais acolhedora, menos excludente e mais próxima dos marginalizados.

Como afirmou em uma carta de 2020 a um grupo católico LGBTQIA+ dos Estados Unidos: *“Deus é Pai de todos, e seu amor não exclui ninguém.”* Essa frase resume a essência do seu ministério: um chamado a amar antes de julgar, a acolher antes de condenar, e a caminhar juntos em direção a um Evangelho que seja, de fato, boa nova para todos.

III – CONCLUSÃO: Com o coração leve e emocionado, Eu, Thomaz Décio Abdalla Siqueira, aqui apresento o encerramento — uma carta-poema, uma oração-terra, uma homenagem sentida. Que ela fale também por mim:

III a) CARTA DE GRATIDÃO AO HOMEM DE DEUS

Querido Papa Francisco,

Obrigado.

Obrigado por caminhar devagar enquanto o mundo corre.
Por escolher o caminho estreito, onde poucos pisam — o da verdade com amor, o da justiça com compaixão.

Obrigado por ser voz onde há silêncio.
Por ser abraço onde há exclusão.
Por ser ponte onde só havia muros.

Tu que vestes a humildade como túnica.
Tu que preferes o gesto ao aplauso.
Tu que ensinaste que a ternura é revolucionária.
Que lavar os pés é mais sagrado que erguer coroas.

Obrigado por lembrar que a fé não é só joelho dobrado —
É também mão estendida.
É lágrima dividida.
É pão partido entre os que têm fome.

Obrigado por amar os pobres, os migrantes, os feridos da vida.
Por olhar para o mundo com os olhos de Deus — olhos que não julgam, mas acolhem.
Olhos que enxergam beleza até nas cinzas.

Obrigado por falar com a Terra, com o Sol, com o mar, com as aves.
Por lembrar-nos que o planeta é oração viva, que a Criação inteira clama, canta e sofre.
E que somos todos guardiões de uma Casa que não nos pertence, mas nos foi confiada.

Francisco, irmão entre nós,
homem de Deus, filho da esperança:
Te agradecemos por existir.
Por resistir.
Por insistir no bem.

E enquanto houver tua voz soprando Evangelho no meio do caos,
haverá também um fio de luz que nos guia.
E uma certeza mansa, plantada em nós:

Deus ainda caminha conosco.
E Ele tem o rosto de um homem simples,
que veste branco e sorri com o coração.

Amém.

III b) QUANDO FRANCISCO SE FOR

E quando Francisco se for —
quando sua voz calar entre os sinos de Roma,
quando seu sorriso não mais iluminar as janelas do Vaticano —
ficará um silêncio profundo, desses que não se preenchem com palavras.

O mundo religioso perderá mais que um Papa.
Perderá um rosto da misericórdia.
Um corpo que se curvava para servir.
Uma alma que se deixava guiar pelo sopro de Deus.

Ficará vazia a cadeira onde ele sentava com os pobres.
Ficará mais frio o banco das praças onde ele ouvia o povo.
Ficarão as palavras — suas homilias feitas de vento e de fogo —
mas sentiremos falta da presença, da mão, da respiração pausada entre uma bênção e outra.

Mas mesmo ausente, ele permanecerá.
Nos gestos que ensinou.
Na Igreja que reformou com amor.
No Evangelho que devolveu à rua, ao coração, ao cotidiano.

E quando disserem: “Francisco morreu”,
responderemos com fé e ternura:
“Não. Ele voltou à Casa do Pai — de onde nunca saiu, só desceu um pouco para nos ensinar o que é amar.”

A sucessão papal, mais do que uma simples eleição, representa a reconfiguração simbólica e institucional da Igreja no mundo. A lista de favoritos revela tensões entre continuidade e renovação, tradição e abertura, centralidade europeia e expansão periférica. O novo papa terá a missão de manter viva a herança de Francisco — o “papa de todos” — ao mesmo tempo em que enfrentará novos desafios globais.

O percurso familiar de Jorge Mario Bergoglio ajuda a compreender a essência de seu pontificado. Seus vínculos com os irmãos e sua origem humilde formaram um alicerce humano e espiritual sobre o qual se edificou uma das lideranças religiosas mais marcantes do século XXI. A família do Papa Francisco não é apenas um detalhe

biográfico, mas um elemento constitutivo de sua visão pastoral e de sua opção preferencial pelos pobres e pelos pequenos.

Ao olhar para a história de Jorge Mario Bergoglio, vemos mais do que a ascensão de um homem à cátedra de Pedro. Vemos o caminhar silencioso de um menino argentino entre os trilhos de Buenos Aires, moldado pelo afeto dos pais, pelo carinho dos irmãos e pela força humilde da fé herdada de seus antepassados italianos. O Papa Francisco é, antes de tudo, um filho — da América Latina, de sua família, da Igreja e do Evangelho.

Sua voz tem ressoado pelos corredores do mundo como eco de um tempo que pede ternura e verdade. Ele fala como quem se lembra de onde veio. Como quem sabe que os pequenos gestos — um abraço, uma visita, uma palavra de consolo — são mais revolucionários do que qualquer discurso. E por isso seu pontificado se tornou uma luz suave, mas firme, no horizonte da humanidade.

Francisco nos convida a reaprender o essencial: a caminhar com os pobres, a proteger a criação, a dialogar com coragem e a rezar com o coração aberto. Seu legado não está apenas nos documentos que escreve, mas na maneira como, com gestos serenos e olhos que sorriem, ele nos recorda o que há de mais simples e mais belo no Evangelho: o amor.

E ao encerrarmos estas páginas sobre sua vida, seu pensamento e sua família, fazemos também uma prece. Que o Papa de todos continue sendo farol num mundo em tempestade. Que sua memória, um dia, seja guardada não apenas nos livros da história, mas nas atitudes daqueles que ousaram, como ele, acreditar que a misericórdia tem a última palavra.

Desenhar um fechamento final para o artigo – Sob o manto de Maria é uma percepção política e justificativa para o amor do papa. Inspirado no amor que o Papa Francisco tem por Maria, Mãe de Deus — um amor terno, filial e profundamente espiritual, que acompanha e ilumina todo o seu pontificado. Escrevi com tom elevado, tocado de beleza, como uma oração e uma despedida que abraça o coração.

Se o amor define o rumo de uma vida, então a de Jorge Mario Bergoglio foi guiada, desde sempre, por um amor silencioso e fiel à Mãe de Deus. Maria, sob o título de Nossa Senhora Desatadora dos Nós, tornou-se para ele farol em meio aos labirintos,

consolo nas angústias e impulso na missão. Não há gesto de Francisco que não traga o traço da ternura mariana — desde o modo como fala até o modo como cala.

Ela, a serva do Senhor, é para ele modelo de escuta, de entrega e de coragem. E é a Ela que o Papa recorre nos momentos decisivos, como fez no primeiro dia de seu pontificado, quando se inclinou humildemente diante do ícone da Virgem Salus Populi Romani, pedindo sua proteção para todo o povo de Deus.

Francisco ama Maria com o coração de filho. E esse amor não é teórico, é vivido. Está nos rosários diários que ele reza; está nos pedidos constantes para que oremos por ele — não com arrogância, mas com a confiança dos que sabem que tudo depende do céu. Está, sobretudo, na sua certeza de que a Igreja, como Maria, é chamada a ser mãe, não juíza; casa de todos, não fronteira de poucos.

E assim, ao contemplarmos a vida, os gestos e as palavras do Papa de todos, encontramos sempre, ao fundo, o manto azul de Maria — envolvendo a humanidade com misericórdia, ternura e esperança.

Que sob esse manto, também nós possamos caminhar. Que a luz de Francisco, tão humana e tão divina, continue a brilhar nos corações de quem ousa amar como Maria amou: sem medidas, sem medo, com o Evangelho na alma e o povo nos braços.

"Se o amor define o rumo de uma vida, então a de Jorge Mario Bergoglio foi guiada, desde sempre, por um amor silencioso e fiel à Mãe de Deus. Em cada passo, em cada gesto, Maria foi sua estrela guia, iluminando o caminho de misericórdia e verdade que ele traçou para o mundo."

IV – REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera da Igreja?* Petrópolis: Vozes, 2021.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Responsum ad dubium sobre as bênçãos a uniões de pessoas do mesmo sexo*, 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CUDA, Emilce. *Igreja, inclusão e alteridade: desafios para a pastoral contemporânea*. Buenos Aires: San Pablo, 2021.

FONSECA, Daniela. *A Igreja do Sul Global: A liderança católica na Ásia e América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

FRANCISCO. Entrevista coletiva no voo de retorno da JMJ Rio 2013. Vaticano, 29 jul. 2013.

FRANCISCO. *Laudato Si': Sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti: Sobre a fraternidade e a amizade social*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

GALLI, Carlos Maria. *A nova geopolítica do Papa Francisco: Do fim do mundo ao centro da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *Teologia pastoral do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2020.

GOMES, Arthur. *Cristologia e Reforma na Igreja: O legado teológico de Christoph Schönborn*. Belo Horizonte: Vozes, 2019.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação e ecologia integral: Reflexões a partir de Laudato Si'*. Lima: CEP, 2018.

IVEREIGH, Austen. *O grande reformador: Francisco, retrato de um papa radical*. São Paulo: Planeta, 2015.

LOPES, Marina. *Ecologia Integral e Fé: A influência africana na encíclica Laudato Si'*. Recife: Ed. Universitária, 2023.

MARTINS, João Paulo. *Francisco: Uma revolução pastoral*. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 2021.

PIQUÉ, Elisabetta. *Francisco: Vida e revolução*. São Paulo: Objetiva, 2013.

ROCHA, Eliane. *Igreja e Inclusão: O perfil pastoral de Matteo Zuppi*. Salvador: EDUFBA, 2023.

SILVA, Cláudia Regina. *Francisco: o papa dos pobres e da simplicidade*. Belo Horizonte: Edições Loyola, 2019.

SILVA, Henrique. *O Vaticano e sua diplomacia: A trajetória de Pietro Parolin*. Brasília: Editora CNBB, 2022.

SILVA, Marina. *A Política de Francisco: Um olhar sobre a Doutrina Social da Igreja no século XXI*. Rio de Janeiro: Loyola, 2020.

SOUZA, Felipe. *Diplomacia e Fé: O Vaticano como ator global no século XXI*. Brasília: UnB Editora, 2022.

TEIXEIRA, Lucas. *Sinodalidade: A nova palavra da Igreja?* Curitiba: PUCPR Press, 2024.

VATICANO. *Santa Sé – Biografia Oficial do Papa Francisco*. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 24 abr. 2025.